

A ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e numero
aviso : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Abadeya, 1330A; e no Brazil, ao sr. José de
Ribeiro, 36, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do numero à Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 18

PARIS 20 SETEMBRO DE 1889

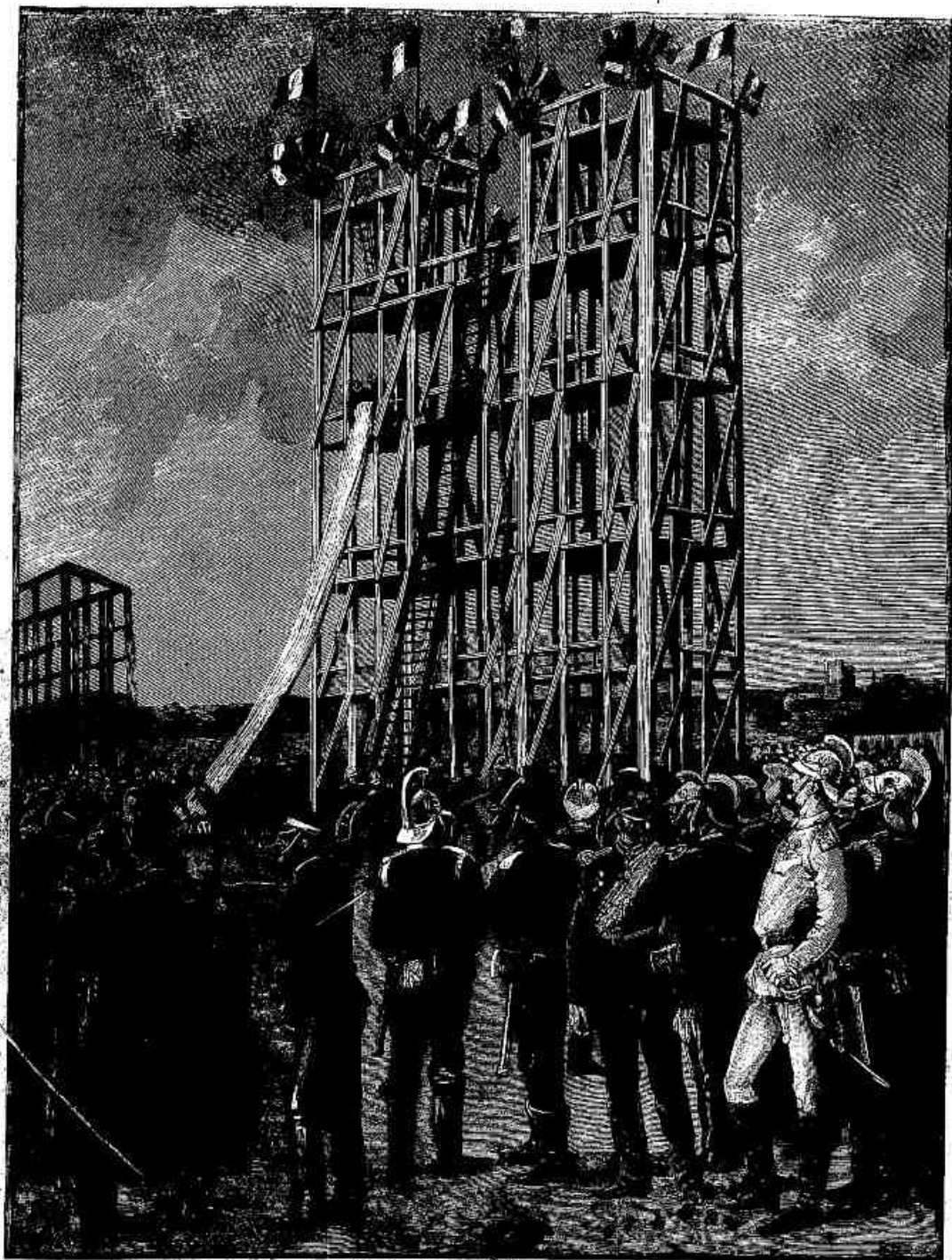
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 38, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS :

ANNO (CÔRTE)	12,000 REA
SEMESTRE (CÔRTE)	6,000 —
ANNO (PROVINCIA)	14,000 —
AVULSO	500 —



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — CONGRESSO INTERNACIONAL DOS BOMBEIROS. OS BOMBEIROS EXTRANGEIROS ASSISTINDO ÀS MANOBRAS DOS HOMÊILOS DE PARIS.

VIAGEM A TORRE EIFFEL...

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o próximo numero da **ILUSTRAÇÃO**, em que publicaremos uma...

VIAGEM A TORRE EIFFEL

Ilustrada com

VINTE GRAVURAS

representando toda a vida interior da famosa torre de 300 metros d'altura.

CHRONICA

AO MEU BOM BIOGRAPHO

O Diário, Illustrado de Lisboa, no seu numero do dia 1.º de setembro corrente, fez-me a imerecida honra de offerecer a minha vana effigie aos seus leitores. Isto apropriado da minha collaboração, modesta, mas sincera, na exposição portugueza do Quin d'Orsay — a notável exposição agrícola e colonial, tão brilhantemente instalada por Horlindo Pinheiro.

A imerecida honra e este premio ao meu trabalho, espontaneamente conferido por um collega — (por estes tempos de egoismo em que os collegas evitam imprimir os nomes das camaradas, para que o publico não corra de preferência para este ou aquelle escriptor, pondo de parte illustres mediocridades triumphantes) — deixaram-me realmente reconhecido... e commovido!

O que não impede, porém, que eu pegue licença aos leitores da Illustração, para fallar hoje de mim, respondendo aos erros praticados pelo meu biographo.

A Celebridade tem praticado tanta astucia, que talvez um dia se agarra a esse numero da Illustração, e me tome a sério — disseminando-me!

Se o fizer é uma grande tolice que produz... attendendo a que faço tanto caso da Celebridade, como do primeiro cigarro que fumei...

Quando o meu biographo diz que eu gosto do *reclame* — o biographo enganou-se: redondamente, a não ser quando elle se traduz em boas libras sterlingas, para com ellas poder saciar os appetes fúteis do meu temperamento.

A *reclame* pela *reclame*, francamente não me seduz; como também nunca me seduziu a velha formella sentimental de — « o teu amor e uma cabana », Prefiro « o teu amor e um bomito chafar em Cintra!... »

Liste paucos scepticismo que eu tenho aprendendo a minha conta, nos diversos contatos e conflictos que tenho tido com essa odiosa e perigosa lei de sobrecarga e chapéo alto, que se chama o Homem, — faz com que eu tenha a mais absoluta indifferença por isso que se chama a celebridade.

Palavra que não me sinto capaz de dar um passo para receber um applauso. Me que me serviriam os applausos do mundo inteiro, se a minha consciencia não escribes satisfação com a minha maneira de proceder...

Nunca escrevi uma linha que tivesse por fim agradar ao Publico — apesar de todo o respeito que elle me merece. Nunca escrevi uma linha que não fosse com a idea firme de destruir uma opinião ou um principio que me pareciam errados e perigosos. D'aqui o avulso numero de descomentes que a minha prosa levanta todos os dias.

E se eu amasse a *reclame*, — como seria facilissimo obtela, collocando o sr. Florentio Ferreira ou Indio do João de Deus, o sr. Cunha Seixas do lado de Antero do Quental, o sr. Visconde de Meliello ao par de Antonio Augusto d'Aguiar!

Não, meu caro sr. biographo, para mim o gozo do vido é muito differente do modo como o sr. imagina que eu o aprecio. Esse gozo é todo intimo e todo individual. A *reclame*, a celebridade, a gloriola, o apoteo de mão a torto e a direito, ser apresentado a com sujeitos par dás, receber elagios e festas de toda a gente, — tudo isso que a sr. me attribuez, me deixa frio.

Mas dê-me livros, dê-me quadros, dê-me bom theatro, e uma boa cosinheira, e uns mezas de venio em certo sítio de Portugal onde o meu ser parece que se misura e se une ás arvores, aos legados, ás flores, ás casas, aos animaes, a tudo que me viu nascer e que foi para mim a primeira revelação do mundo; — que eu lhe daria em troca a carta de conselho, a *gratificação* de todas as ordens, a coroa de duque, e as milhões do sr. Monteiro ou do sr. Marquez da Foz, que é porque hoje suspira todo o portuguez bacharel e amanuense...

Hu, porém, dois erros que podem passar ao estado de lenda, e que me correm destruir.

1.º — Quando attienço que comeci a minha carreira litteraria investindo com o sr. Camillo Castello Branco;

2.º — Quando deixo perceber que o meu tempo se passa a descompor « as coisas partilhadas » — as coisas e as pessoas...

Não fui eu que investi com o sr. Camillo Castello Branco; foi o illustre romancista que investiu comigo, por occasião das questões acerca do *Cancioneiro* alegre.

Por esse tempo, o seu editor distribuiu pelas redacções das jornaes, como amostra d'escandalo, as primeiras oito paginas do *Eusébio Macario*, que se achava no prelo.

A batalha estava renhida. Fusilavam as descomposuras na imprensa. Rebentavam as discussões no *Martinho* e na *Flanzeria*. Romantico e realistas não se podiam então tragar. Chegaram a haver duellas. E essas oito paginas do *Eusébio Macario* foram devoradas com febre, excitando curiosidade, indignação, espanto, gargalhadas, e diabolos...

Num folhetim hebdomadario que então escrevia para um jornal de Lisboa, dei conta do famoso acontecimento. E como então estava longe de saber de que meios se deve servir um editor para bem vender os seus livros, explicando a curiosidade do publico, — urremeti com nobre indignação contra o fallecido Chardron, dizendo-lhe que estava desprezando as lettras, mandando ás redacções amostras de romance, como qualquer fanqueiro mandaria aos seus freguezes amostras de paao cozido!

O folhetim chegou ás mãos de Camillo. E apesar de nella ter que fosse irreverente ou aggressivo para o illustre romancista, nem por isso lhe deixou de merecer as iras e as ironias. Mas os officios do meu officio gostam de recordar esse episodio, para verso insinuam no publico a idea de que eu comeci a minha carreira por um acto de irreverencia, de audacia e de desasno, digno de todas as censuras.

Os officios do mesmo officio são umas excellentes pessoas... Em quanto os collegas tem todas as probabilidades de morrer á fome e de nunca adquirirem uma situação, mesmo modesta, mas solida e independente, bem vale a coisa...

Assí lhes chamam gealios! Mas apenas um coliga se torna independente, possado pelo seu trabalho satisfazer as exigencias do estomago e alguns dos appetes do espirito, — ai d'ella! que são capazes de descobrir que tem morte d'homem ás costas!...

Quanto a reputação de difamador das coisas portuguezas — « das coisas e das pessoas » — entendam-nos!

Tinha obrigação de o ser, porque foram os senhores que me ensinaram a dizer mal da minha terra.

Quando deixei os bancos do Lyceu e comeci a frequentar o *Martinho*, a *Flanzeria*, o *Grémio*, as redacções das caixas de theatro, a minha maior surpresa e o meu maior espanto foi assistir ás palestras em que se demoliam todos os idolos, todos os symbolos que nas escolas me haviam obrigado a respeitar e a admirar.

Ninguém tomava a sério, nem a Justiça, nem a Religião. A Politia era um loquaz oitão se iam emporellhar todos quantos quantiam enriquecer por meios illicitos. A festa da nossa independencia era considerada como uma patrinice de mau gosto; e João Pinto Ribeiro como um conspirador de theatro, cuja acção só servia para alimentar a rhetorica estufada de varios membros da Associação 1.º de dezembro.

Nas palestras litterarias nunca ouvi fallar de Gil Vicente; Bernardino Ribeiro era citado, com o mesmo ar de teaga com que se cita o sr. Florentio; Camões passava por um soffrivel massador; Plínio Blyseo por um idiota; Bocage por um poeta obscuro e paca; Herculano por um retrogrado; Garcia por um prosador banal que encheu a lingua portugueza de termos estrangeirados; Castello por um imbecil que se meteu o Marquez de Pombal na traducção do *Tartuffe*... E nunca ouvi fallar, nem nos velhos chronistas; nem em Garcia de Rezende; nem no Padre Antonio Vieira; nem no cavalleiro d'Alveira; nem no Padre José Agostinho de Macedo; nem em tantas outras figuras da velha litteratura portugueza...

Em compensação sabia-se ao certo o numero de discipulos de Zola; e havia suas duvidas sobre quem seria melhor: — se o medizero discipulo Paul Alexis, se o grande mestre do *Assomoi*!

De modo que todos os senhores da geração anterior a minha, ao admitirem-me nos seus grêmios, longe de me mostrarem um Portugal com um passado glorioso, e ainda com forças e elementos proprios para ser um lindo paiz, próspero, fecundo, sympathico e brilhante, — os senhores mostraram-me nas suas palestras, nas suas ironias e na sua má-lingua lisboeta, como um ridiculo e sujo xaré d'embrulho, cheio de carneiro com basetas e da vinhuja eleitoral!

Fam os senhores que me tiraram todas as illusões, e que me ensinaram a dizer mal das coisas portuguezas. **1.º** **2.º** **3.º** **4.º** **5.º** **6.º** **7.º** **8.º** **9.º** **10.º** **11.º** **12.º** **13.º** **14.º** **15.º** **16.º** **17.º** **18.º** **19.º** **20.º**

Mas guisa a torre que eu viesse para um paiz estrangeiro, para um paiz onde a idea de Patria é a primeira religião; para uma França que é grande e pequena, que tira das fontes da sua tradição litteraria a grandeza das suas lettras, da sua tradição artistica o esplendor das suas artes; para esta França onde cada cidadão trabalha para o engrandecimento da sua terra, procura do ser original, evitando a assimilação das civilizações vizinhas. **1.º** **2.º** **3.º** **4.º** **5.º** **6.º** **7.º** **8.º** **9.º** **10.º** **11.º** **12.º** **13.º** **14.º** **15.º** **16.º** **17.º** **18.º** **19.º** **20.º**

Foi então que comprehendí que a primeira obrigação d'um portuguez — é ser portuguez!

Em França me nasceu o desejo de conhecer a minha historia e a minha litteratura; foi da França que eu pude apreciar bem os erros que se praticam em Lisboa, e a necessidade que ha de os combater sem tréguas.

D'ahi, aquillo a que o meu biographo chama as minhas « decomposturas nas coisas portuguezas — nas coisas e nas pessoas. »

A nossa instrucção secundaria é vergonhosa, e é uma das causas da nossa decadencia moral, — e não hesito em dizê-lo.

O nosso Curso superior de Lettres é um curso para pedantes — e digo-o.

A Academia de Bellas-Artes de Lisboa é uma obscenidade, tendo por unico professor de pintura historica um homem que nunca pintou um quadro, — e digo-o!

E' immoral dar 25 contos por anno a S. Carlos, enquanto se não dá cinco reis de subsidio ao theatro de D. Maria — e digo-o!

E mais digo: — que o nosso Conservatorio se e não reformam, então devem fechar-o; que o theatro de D. Maria devia ser obrigado por escriptura a dar todas as semanas duas recitas de theatro classico portuguez; que é digna d'acção a auctoridade que consentiu que um gazometro fosse collocado ao lado da torre do Belem; que o mesmo castigo devia ser infligido a todos os camaristas de Lisboa que tem approvado o corte de bellas-arvores em diferentes pontos da cidade; que é imbuil por uma errada e estúpida comprehensão de civilização, andar contando pelas cidades e pela provincia as manifestações exteriores do culto; que é estúpido procurar nacionalisar as corridas de cavallos, e não desenvolver o gosto pelas corridas de toiros, conservando-lhes todo o caracter do século passado; que é dignificante não promover grandes festas por occasião do carnaval, para attribuir a Lisboa forasteiros; que o municipio de Lisboa e o governo deviam subsidiar todas as empresas que apparecessem, tendentes a augmentar os attactivos de Lisboa; que o governo devia resolver quanto antes a questão do Lazareto, aliás perdidos d'aqui a pouco o desembarque em Lisboa de todo e qualquer passageiro da America do Sul; finalmente, que se não nos decidimos a ser portuguezes, empromover por todos os modos o engrandecimento de Lisboa e de Portugal, passamos a ser indigenas do paiz que plasmos e do passado que tanto nos enobrece.

O meu biographo não pode levar a paciencia as decomposturas nas pessoas.

Dir-lhe-hei apenas que a Exposição portugueza do Quai d'Orsay nunca se teia realizado, se se tivesse hesitado diante da primitiva sova ao sr. Visconde de Melicio — aristocrata double de journalist...

E aqui fico á espera da primeira historia de « principes russos requestando mundanas celebrações » — para assim distrahir os velhos amigos de Lisboa...

Bom biographo! A quanto arriva a necessidade de fechar um periodo, e de ser mundano — mundano e high-lifcol...

MARINHO PINA.

=====

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Quando no ultimo numero da **ILLUSTRAÇÃO** nós appellavamos para o suffragio de todos os nossos assignantes e leitores, para que elles decidissem se queriam que a **ILLUSTRAÇÃO** passasse a publicar-se **TREZ VEZES POR MEZ**, em vez de duas, como actualmente succede, — estavam longe de

esperar um tal interesse em responder ao nosso pedido.

Que elles nos perdessem a desconfiança. Mas um jornal não é um objecto de primeira necessidade, e julgámos poucas que se dariam ao incommodo de nos escrever.

Pois apenas chegou o ultimo numero da **ILLUSTRAÇÃO** a Portugal, logo na volta do correio nos foram expedidos para Paris — **1:327 BILHETES POSTAES**!

Procedemos immediatamente á contagem, e verificámos o seguinte:

1:226 assignantes e leitores quezem a ILLUSTRACIÓN tres vezes por mez;

85 assignantes e leitores conformam-se com o que decidir a maioria;

16 assignantes e leitores estão d'accordo com o que decidir a empresa do jornal.

1:327

Já contamos pois com **1:327** adherentes. Mas **1:327** respostas é por enquanto pouquissimo relativamente ao elevado numero de assignantes que contamos em Portugal, sem fallarmos do Brazil.

Pedimos pois a todos os srs. assignantes e leitores da **ILLUSTRAÇÃO** o pequeno sacrificio de pagarem num bilhete postal de 20 reis, assim dirigido:

DIRECTOR DA ILLUSTRACIÓN

13, Quai Voltaire, 13

FRANCA: ☐ Paris.

e de nos dizerem **SE QUEREM OU NÃO** que a **ILLUSTRAÇÃO** passe a publicar-se **TREZ VEZES POR MEZ**, em vez de duas, como actualmente succede.

N'esses bilhetes postaes deve vir perfeitamente indicado **O NOME E A MORADA** de cada pessoa.

Conforme dissemos no ultimo numero, apenas o nosso jornal passasse a publicar-se tres vezes por mez, começariamos logo a publicação de romances dos mais celebrados auctores modernos, illustrados com magnificas gravuras executadas pelos primeiros artistas de Paris.

D'este modo a **ILLUSTRAÇÃO** passaria a ter dobrado interesse, tornando-se por esse facto uma verdadeira e completa revista de familia.

Mas tudo depende dos nossos leitores. A elles compete a escolha. Esperemos que as adherencias continuem no proximo numero, com o mesmo entusiasmo com o que hoje se manifestaram.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS

CONGRESSO INTERNACIONAL DOS HOMBEIROS.

FOI no campo de Vincennes, sob a presidencia do sr. Carnot, que se realizou nos dias 29, 30 e 31 d'agosto, o concurso internacional de manobras de bombas d'incendio. Em seguida os bombeiros de França e do estrangeiro que se achavam em Paris reuniram-se em congresso, e discutiram sobre os modos de salvaguarda nos sinistros com que a sua bravura se exerce tão generosamente.

A cidade de Paris não perdou uma unica occasião para lhes testemunhar toda a sua sympathia. Havia muitas recepções em honra dos bombeiros, e a fachada do Hotel de Ville illuminouse para receber os seus heroicos visitantes, vindos d'Inglaterra, da Russia, da Hungria, da Suissa, de Portugal, etc.

No congresso dos bombeiros, Portugal achava-se representado pelo nosso querido amigo Augusto Gomes Ferreira, tenente de engenharia e Inspector dos Incendios, — que veio a Paris acompanhado dos bombeiros:

— Thomaz Maria Esteves — 11^o 111.

— Francisco Caetano Rodrigues — 11^o 71.

— Antonio Rodrigues Isidro — 11^o 96.

— João Victor Pedrosa — 11^o 125.

Nas manobras foram especialmente notadas as delegações inglezas.

Representavam trinta e sete cidades d'Inglaterra, entre as quaes Manchester, que mandou seis bombeiros, seis firemen da Life-saving brigade, corps staff. Essa sociedade de salvaguarda conta entre os seus membros doze mulheres, cuja presença mais symbolica do que pratica, tem por fim principal demonstrar a facilidade com que os apparelhos inglezas podem ser manobrados, sem gasto de força physica.

No gravata que hoje ocupa a primeira pagina da **ILLUSTRAÇÃO** vêem-se os bombeiros inglezas, e os bombeiros estrangeiros, onde se destaca um typo de bombeiro portuguez á direita d'um bombeiro com um uniforme branco.

No outro desenho vêem-se as curiosas manobras d'aparellhos, salvandegreiros, desmontando mangueiras de salvaguarda, ou então por meio d'uma corda.

Os serviços prestados pelas firemen são ás vezes de grande valor, enquanto não chegam os destacamentos de bombeiros e o respectivo material.

VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. A. R. O Sr. D. CARLOS DE BRAGANÇA.

A **ILLUSTRAÇÃO** que tem publicado os retratos d'alguns illustres visitantes da Exposição, como S. M. o rei de Grecia, S. M. o shah do Persia, Edison, etc., — não podia deixar em silencio a passagem em Paris de S. A. R. o sr. D. Carlos de Bragança, acompanhado dos srs. Condes de Seixal e de São Mamede.

S. A. R. o sr. Duque de Bragança depois de ter visitado detalhadamente o pavilhão portuguez do Quai d'Orsay, — passou os seus dias visitando minuciosamente todas assecções do Campo de Marte e do Esplanada dos Invalides.

No dia em que S. A. R. subiu á torre Eiffel era esperado á entrada da torre pelos engenheiros e pela direccção da Exposição.

AS GREVIAS DE LONDRES

Dizim o correspondente de Londres para o **Figaro** de Paris, no dia 28 d'agosto findo: —

« Não se trata d'uma só greve, mas de muitas; dentro d'alguns dias não será só Londres que será minada por este movimento, mas todos os portos d'Inglaterra, e é preciso não haver illusão, — é a luta contra o capital que começa, luta pacifica momentaneamente, e que ha de ser sobretudo pacifica, porque está admiravelmente organizada. A situação aggrava-se cada vez mais; e ha actualmente com mil homens representando diversas corporações operarias, que formulam reclamações em que nem sequer haviam pensado, antes da greve, os operarios das docas. »

A greve continuou com toda a intensidade. Os grevistas não queriam aceitar nenhuma arbitragem, e repelliram todas as propostas que lhe eram feitas n'este sentido.

A nossa gravura reproduz o aspecto exacto d'uma praçola de grevistas. Foi no dia 25 d'agosto que os operarios das docas de Londres organizaram esta manifestação verdadeiramente imponente.

As onze horas da manhã, mais de sessenta mil grevistas, com musicas e bandeiros, em files de oito homens, partiram das docas dirigindo-se para Nydo-Park no som da Marcha Reja.

O tempo estava magnifico. As ruas percorridas pelo imenso cortejo estavam cheias de gente, e no West-End assim como na City, a multidão mostrava sympathia aos manifestantes.

Em nenhum momento a policia teve necessidade de intervir.

O PAGODE ANNAMITA

No esplanado dos Invalides (exposição das colonias francezas) os indigenas dos paizes asiaticos tem uma grózia ou pagode, chamando do Grande Tranquillidade, onde se pratica a religião buddhica, para socoço e salvaguarda das suas almas.

Estes indigones andavam tristes em Paris, por não terem nenhum templo budahico onde pudessem elevar as suas preces ao seu Deus. A Republica fez-lhes a vontade; e a direcção da Exposição mandou-lhes construir um templo onde se adorasse dignamente Buddha.

O interior do templo é um admirável trabalho de esculpeira, executado em Hanoi, em menos de dois mezes, expressamente para este fim. As paredes — espelho de pau ferro chamado *go-tim* e provenientes das florestas de Kanh-Hoi — tem a dureza e a cor do bronze.

Dentro do pagode ha a Deusa da abundancia, a Deusa das mil mãos, a Deusa da terra, e outras muitas Deusas.

Todos os idolos são de madeira dourada. Quando sou a hora do officio divino, os nove bonzos que exercem o culto no pagode da *Grande Tranquillidade* reúnem-se diante do altar; sou um tam-tam, ao qual responde um immenso grito. Esta medonha symphonie forma uma terrivel barulheira...

O publico não é admitido no recinto sagrado, mas pode contemplar de fora esta curiozissima scena, porque as gelosias do templo ficam abertas e as cortinas erguidas.

Foi assim que o novo illustre desenhador Adrian Marie surpreendeu a pittoresca scena da qual damos uma tão interessante gravura.

VILLIERS D'ISLE-ADAM

A falta de espaço não nos permitto no passado numero da *Illustration* acompanhar a chronica do nosso illustre collaborador Gies com um retrato do malogrado e grande escriptor Villiers d'Isle-



VISITANTES DA EXPOSIÇÃO. — S. A. R. o sr. D. CARLOS DE BRAGANÇA.

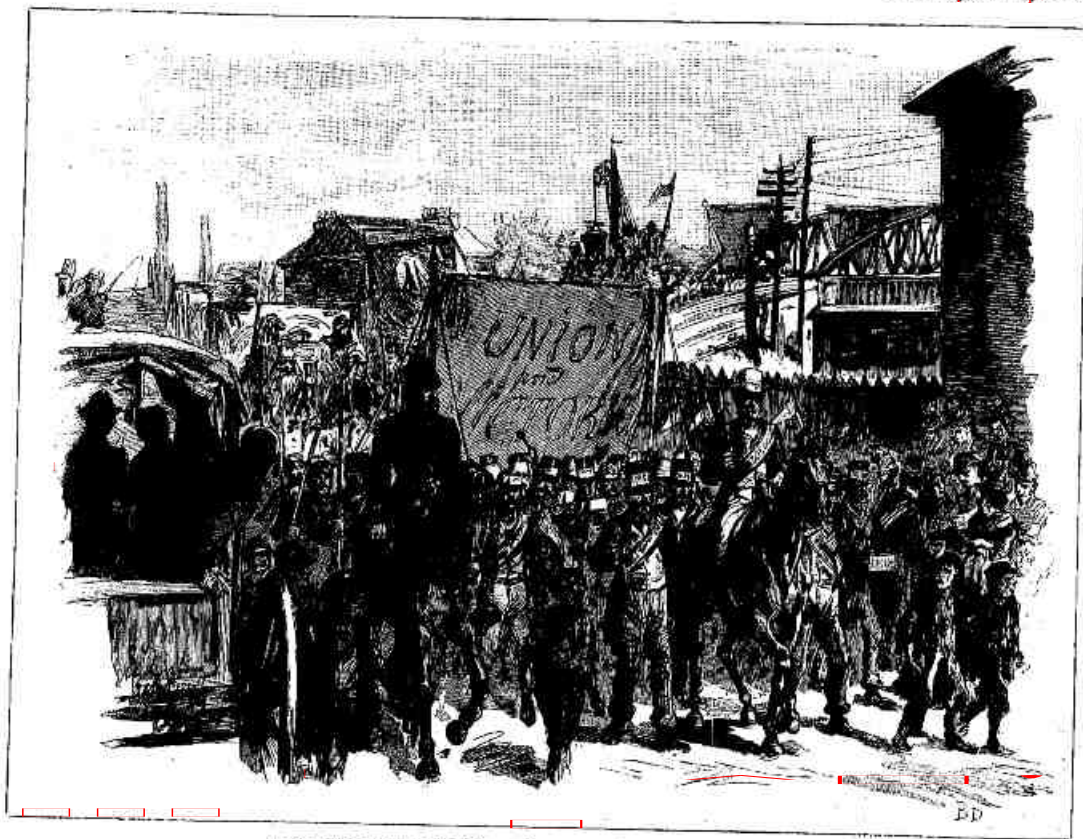
Adam, fallecido ha pouco em Paris. Prestamos hoje a nossa derradita homenagem de respeito ao primoroso auctor das *Fantaisies nocturnes*, *Contes cruels*, *Contes insolites*, *Adi, Isis*, *Tribulati Bonhomie*, etc.

O conde Villiers d'Isle-Adam (Auguste Mathias) nasceu em Saint-Brieuc (França) em 1839. Era o descendente d'uma antiga e nobilissima familia franceza, que contou entre os seus membros um grão-mestre da ordem do Malta.

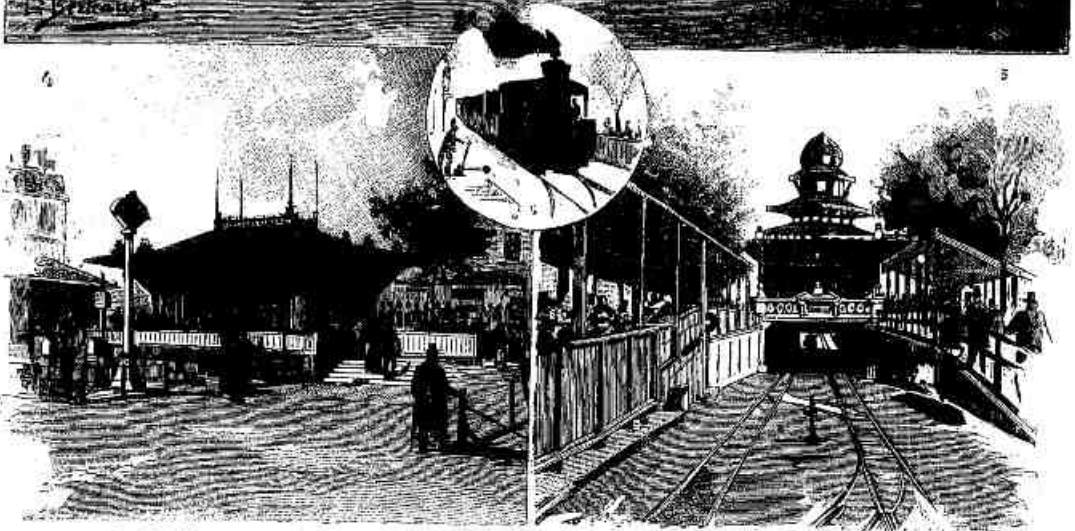
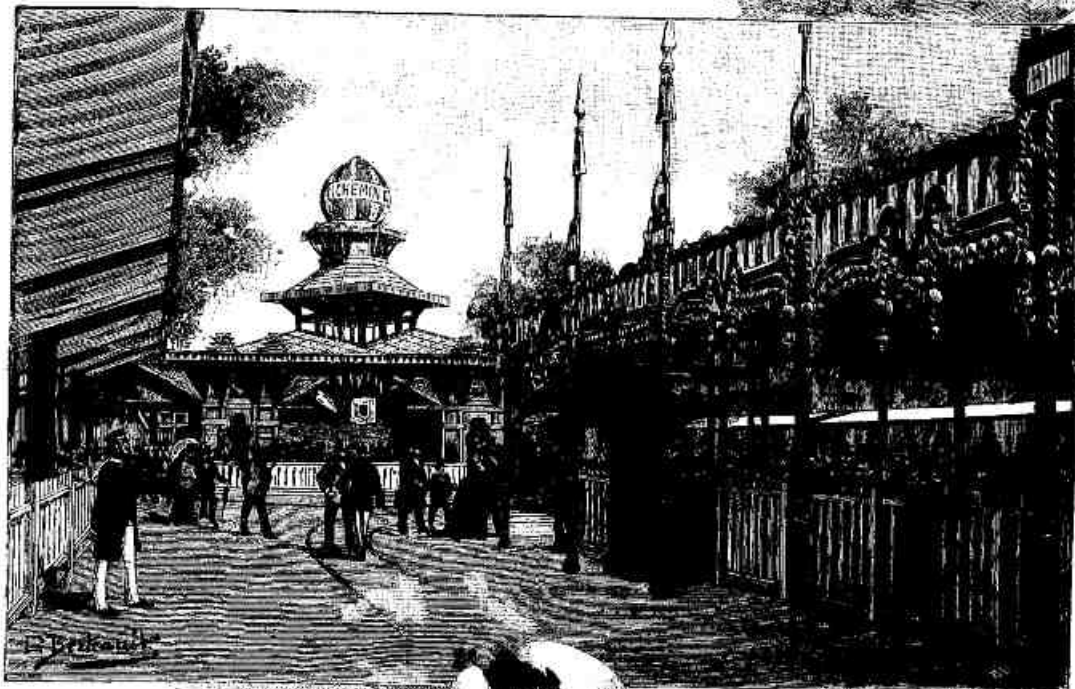
A GALERIA D'HONRA

A grande galeria que do zimbório central do Campo do Marte conduz á galeria das machinas, é o mais bello e o mais sumptuoso vestibulo que se possa sonhar para as quarenta galerias lateraes onde estão expostos os productos da industria franceza. Os architectos deram-lhe por causa das suas dimensões (altura e largura) o nome de galeria de trinta metros; mas o publico prefere chamar-lhe galeria d'honneur, ou a rua das pontas uaravillosas.

Achamo-nos aqui no coração da Exposição. A direita e á esquerda da immensa halla que dá accesso a este vastissimo hall collocaram as semillhas gloriosas da industria franceza, expositores das manufacturas de Sevres, dos Gobelins e dos Beauvais. Ostentam-se ali as bellas tapeçarias e os tapetes avelutados da Savonnerie; dezasete pannos destinados á decoração do salão d'Apollo no palacio do Elyseu; trez paineis allegoricos que devem figurar na Bibliotheca nacional de Paris. E as pegas d'uma belleza grandiosa que expõem os Gobelins proximo que a arte da ta-



AS GREVES DE LONDRES. — Uma procissão em West-End de Londres.



1. Estação da Concordia. — 2. Estação da Torre Eiffel. — 3. Túnel de 200 metros. — 4. Estação do Palácio das Máquinas. — 5. Uma locomotiva.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O CAMINHO DE FERRO INTERIOR DA EXPOSIÇÃO.

poçaria tem sempre progredido desde Colbert até hoje.

A exposição das tapeçarias e a exposição de Sevres serve d'admirável prefácio à grande galeria central, onde nos conduz o lapso do nosso desenhador.

Que deslumbramento!... À direita e à esquerda só se vêem porções scintillantes d'ouro, de mármore e de frescos, deixando ver até ao infinito as perspectivas das galerias dos grupos diversos. Cada um d'estes arcos de triumpho juxtapostos, parece dar entrada para um palácio das Mil e uma noites.

E a porta dos tecidos com as suas columnas de onyx e as suas pinturas representando liandzeiras; a da capta e da péca com o seu frontão representando uma prã, os troncos d'árvores servindo de pilares e supportando como se fossem trophées, abutres, aquias, cerdos, gazellas; mais adiante as maravilhosas entradas da relojoaria e do palácio do ferro...

Mas não nos demoremos em detalhes, porque os nossos desenhadores ainda têm muito que nos mostrar.

Contentemo-nos hoje com a deslumbrante impressão d'este conjunto.

N'esta galeria que a principio esteve para ficar deserta, para não prejudicar a circulação, projecto que felizmente foi posto de parte, vê-se: — a exposição da manufatura nacional de mosaico; um altar mór doirado destinado à igreja de Saint-Ouen de Rouen; vitrines com sedas de Lyon; bronzes, órgãos; o monumento a La Fontaine, onde os animaes parecem contar as suas aventuras.

N'uma gruta onde corre um velo d'agua clara, ha um mosaico onde se vê Diana mirando na agua o seu corpo de deusa; em seguida ha o trophéo dos metaes, verdadeiro monumento de columnas de cobre, de ferro e de chumbo.

Finalmente, chegamos a fonte colossal de Bartholdi, constando de quatro fogosos cavalos armados o carro d'uma deusa que os seguiu com rédeas de flores.

E d'este immenso hall sobe constantemente um ruido particular e característico, uma especie de symphonia composta dos gritos d'espanto da multidão, do ruido dos passos dos visitantes, dos graves accordes dos órgãos expostos, aos quaes de vez em quando se junta o ulogre tilintar do carrilhão da galeria da relojoaria... E lá ao fundo, n'uma poeira luminosa, estende-se sob o seu céu de crystal a enorme galeria das Machinas onde, continuamente, roncam e palpitam os gigantescos volantes, as rodas vertiginosas, as turbinas infatigáveis... E tudo isto juntando-se ao espectáculo das maravilhas que se tecem diante dos olhos, toda esta vida febril e perturbadora, dão a este grandioso vestibulo um caracter de força triumpante e de esplendor que nunca mais se poderá esquecer.

Foi o aspecto da galeria d'honra que o nosso desenhador procurou mostrar aos leitores da ILUSTRAÇÃO.

Parece-nos que o podemos felicitar pela maneira como soube desempenhar-se de tão espinhosa missão.

Esta gravura ficará sendo um soberbo documento da grande Exposição de Paris, — como não encontrando outro facilmente, nem em Portugal, nem no Brazil.

O CAMINHO DE FERRO DECAUVILLE

A nossa pagina representa varios aspectos do curioso caminho de ferro da via reduzida, systema Decauville, que se acha instalado no proprio recinto da Exposição de Paris, conduzindo os visitantes desde o Palácio das machinas até à Torre Eiffel, e da Torre Eiffel até ao extremo da Esplanada dos Inválidos (Exposição colonial franceza).

O caminho de ferro do systema Decauville, de que já por vezes nos temos occupado nas columnas

para as grandes linhas. Assim vemos o caminho de ferro Decauville galgar rampas, vencer curvas pronunciadissimas, e atravessar varios tuncis, não em alvenaria... mas em madeira!

As gares são lindissimas, e o caminho de ferro Decauville constitue uma das verdadeiras curiosidades d'esta Exposição Universal, — d'esta Exposição cujas curiosidades e maravilhas seria impossivel descrever em seis volumes da nossa ILUSTRAÇÃO.

EXPOSIÇÃO DE PARIS O PAVILHÃO DA REPUBLICA ARGENTINA

A commissão argentina confiou a construção do esplendido pavilhão que a republica sul-americana mandou levantar no Campo de Marte, ao sr. Ballu, o eminente architecto francez. Mas como a testa d'essa commissão se não achava nenhum Melicio, — como aconteceu com Portugal — este esplendido pavilhão de ferro e de crystal será transportado acabada a Exposição de Paris, para Buenos-Ayres. Será para a capital da Republica argentina um magnifico palacio de exposições, por que mede setenta metros de comprimento sobre vinte e cinco de largo, tendo custado 1.400.000 francos.

Compõe-se d'uma immensa ossatura metallica, vestida e armada de porcelanas, tijolos e mosaicos do mais pittoresco effeito. Enormes facetas de vidros, lingilo diamantes, perolas, saphyrs, rubis, esmeraldas, por traz das quaes estão collocadas pequenas lampadas electricas, illuminam todas as noites as quatro faces d'este palacio. O effeito que produz e' realmente phantastico.

Entre os artistas francezes que collaboraram nas pinturas decorativas interiores, figuram os nomes dos distinctos pintores Tony Robert-Floury, Gervey, Duez, Olivier Merson, Roll, Besnard, etc.

Como vêem, os argentinos souberam fazer uma exposição brilhante, ficando ao mesmo tempo com um palacio, que transportado para a Republica será uma das mais vistosas construções de Buenos-Ayres.

E nós, portuguezes, que podíamos ter feito o mesmo com mais um bocadinho de sacrificio monetario e alguns menos commissarios; nós que podíamos ter mandado construir um elegantissimo pavilhão de ferro e crystal que podia mais tarde servir para ornamentar algum laço do parque onde ha de finalizar a Avenida da Liberdade; — nós gastamos rios de dinheiro n'uma construção de madeira, gesso e lona, que nem nosa é, porque nos é apenas alugada pelo empreiteiro!... E tudo isto, graças ao sr. Melicio, que se queria dar ares de organisador infallivel de exposições portuguezas, tanto em Portugal como no estrangeiro... Seja pelo divino amor de Deus!

O que falta na exposição argentina é o lado pittoresco, a impressão indigena do paiz. Os argentinos tiveram medo, ou vergonha, de mostrar o que elles temiam que se chamasse « o estado selvagem » do paiz. E deixaram apenas triumphar dentro do pavilhão, os productos do seu commercio e da sua industria — assimilada das industrias europeias.

A monotomia industrial é apenas quebrada por um lado da exposição, onde se assiste ao modo como se conservam as carnes a baixa temperatura, carnes que são exportadas em grande quantidade para a Europa, em caixas frigorificas.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAVILHÃO DO MEXICO.

O aspecto interior do pavilhão do Mexico é realmente feroz. É uma enorme massa pyramidal, onde se não vê uma unica janella.

A escada principal que finge dar entrada para o pavilhão — e que não passa d'uma escada decorativa — é d'uma rudeza e d'uma verticalidade capaz de causar vertigens. Mas parece que tem o dom de recordar as escadas dos antigos Teocallis ategues, e n'isso consiste toda a sua belleza.

As fachadas são ornadas de desenhos geometricos, escrupulosamente copiados dos antigos monumentos do Mexico. Doze figuras collossaes em relevo esculpam-se a alegrar esta fachada d'um tom sombrio de bronze. Representam os imperadores prehistoricos d'aspecto selvagem, esses deuses aos quaes se immolavam contents de victimas humanas, ás quaes os sacerdotes abriam os peitos á faca. Se ajuizamos pela sua architectura, o Mexico devia ter sido, n'essos seculos afastados, um paiz muito pouco divertido.

No interior d'este sombrio edificio que faz honra á sciencia archeologica do sr. Anza, architecto mexicano, estão agglomeradas as riquezas d'este



MANOBRAS DAS DONDEIRAS INGLEZAS.

da ILUSTRAÇÃO, e que são bellos resultados poderia dar em Lisboa fazendo o serviço das nossas estações bulneares desde Alcantara até à Cruz Quebrada, — porque um material lindissimo de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe. Dentro da exposição cada viagem em 2.ª classe custa apenas 0,25 centimos. Mas para se fazer ideia do prodigioso movimento de passageiros, basta dizer que a media dos bilhetes vendidos é por dia de 10.000 francos, ou seja 1.800.000 reis!

Para levar a effeito a instalação do caminho de ferro da Exposição, foi preciso proceder em ponto pequeno aos mesmos trabalhos que se executam

paiz d'America: café, indigo, algodão, pellos, assucar, minerais, pedras preciosas, maldicas, etc...

E as paredes do pavilhão estão ornadas de quadros representando varios aspectos da vida e da natureza no Mexico.

Este pavilhão é devaras notavel, e produz um original effeito, no Campo de Marte, ao lado dos pavilhões do Brazil e da Republica Argentina.

UMA REDUCCÃO DO «DIARIO ILUSTRADO»

No seu numero de domingo 1.º de setembro corrente, o nosso estimado collega *Diario Illustrado*, de Lisboa, publicava o retrato do nosso director Mariano Pina, acompanhado da biographia que em seguida publicamos.

Pedindo licença para reproduzir esse numero e transcrever o artigo — ao qual largamente responde o nosso director — agradecemos ao *Diario Illustrado* as palavras de grande elogio com que allude a *ILUSTRAÇÃO*, consideranda-a como digna de honrar com as primeiras publicações que no seu genero se publicam na Europa.

E' nos grato archivar um tão espontaneo elogio, que bem mostra a acceitação que o nosso jornal encontra em Portugal, — e de declarar mais uma vez que a *ILUSTRAÇÃO* é o que é, graças á tenacidade do seu director, e á conjução que elle tem no bom gosto e bom senso do publico luso brasileiro.

Quanto ás observações que nos poderiam suggerir certas passagens menos justas do artigo sobre Mariano Pina que abaixo transcrevemos, — deixamos-as de lado, attendendo a que Mariano Pina não hesitou em responder com uma chronica, que é uma rapida autobiographia, a certas lousas que corem ás vezes a seu respeito, e de que o nosso collega de Lisboa se fez eco. Eis o artigo em questão:

O COMITÊ DA EXPOSIÇÃO PORTUGUEZA EM PARIS

MARIANO PINA, secretario do comitê

Um mixto d'audacia e de força, bafejado pela sorte: audacia para se impôr, fazendo fallar de si, força para vencer todas as resistencias que encontra no seu caminho. Por cima do tudo, talento, e um poder d'assimilação que supre a falta de sciencia propria.

Tal é, em dois traços, a silhouette d'este escriptor e jornalista quasi bohemio, de vida normal e aventureira. Principiou por onde os outros acabam, esgrimindo com os mestres.

Ainda novato nas letras, mal pegou da penna para iniciar a sua carreira de jornalista, investiu com Camillo de Cogas. Valeu-lhe isso uma nova mestra, que o deixou a escorrer sangue.

Mas, como quem esgrime com os grandes luctadores se torna celebre á sombra d'elles, Mariano Pina começou desde logo a ser fallado, discutido nas palestras do Martinho e da Havana.

Estava lançado o escriptor, estava iniciado o jornalista.

Se a memoria nos não traiaça, Pina fez as suas primeiras armas no *Diario da Manhã* (hoje *Correio da Manhã*), tendo por director e mestre Pinheiro Chagas. Ao mesmo tempo, estudava o curso do Instituto Industrial, que não chegou a concluir, enomorado como andava pelas letras.

No *Diario da Manhã*, escreveu de tudo: auctos, chronicas, criticas d'arte, artigos de reportagem e contos. Tudo menos politica.

Os seus escriptos tinham uma feição alegre, moderna e elegante, mas peccavam ás vezes por uns certos ressaibos do mordacidade caustica e incommoda.

Durante algum tempo, o moço escriptor viveu só das letras, mas viveu uma vida difficil, porque, como é sabido, as letras em Portugal não dão para nada. E elle, sentindo-se com aptidões e actividade para o trabalho, queria vêr esse trabalho compensado, de forma a poder gozar uma existencia mais desafogada e mais tranquilla. Morrerá por esse tempo Guilherme d'Azevedo, correspondente em Paris da *Gazeta da Noticias* do Rio de Janeiro. Pina cubi-

çou o cargo vacante. Pinheiro Chagas intercedeu a favor d'esta pretensão, e a vaga foi preenchida conforme os desejos d'ambos.

Os jornais de Lisboa começaram a transcrever as correspondencias do moço jornalista, encomiandando-as, e a cotacção litteraria de Mariano Pina, já bastante elevada, subia a olhos vistas. Em Paris ha muito que ver, e elle sabia contar, ferindo sempre a nota precisa.

Um bello dia, o seu nome apparece-nos na cubeca d'um magnifico jornal portuguez, impresso e publicado em Paris — a *ILUSTRAÇÃO*, que rivaliza com as suas congeneres francezas. Mariano Pina arvorou-se em director d'essa excellente publicação, firmando chronicas por vezes brillantes.

N'algumas d'essas chronicas, falla com menos justiça do Portugal e dos portuguezes, merecendo por tal motivo as reprimendas azedas dos que foram seus mestres.

Mas elle não fez caso do dōestos, e vai por diante, o segue seu caminho, gostando do reclame que lhe fazem com as replicas, subendo-lhe bem o ser discutido a tantas leguas de distancia.

Para desfastio, abandona ás vezes a penna e a penna de redactor em chefe da *ILUSTRAÇÃO*, aggrega-se a qualquer notabilidade artistica que venha em tournee a Portugal e Hespanha. — Coquellein,



VILLIERS DE L'ISLE-ADAM.

Sarah Bernhardt — faz-se seu secretario, e surge-nos ali, sorriso triumphador nos labios, habito de Christo na botocera, a receber os abraços de velhos amigos, a contar casos de mundanas celebres requestadas por principes russos.

Agora, Mariano Pina apparece-nos fazendo parte do Comité da Exposição portugueza em Paris, na qualidade de secretario.

Segundo nos affirmam, o nosso prestimoso collega foi um dos que mais trabalharam para o bom exito d'essa Exposição, pondo inteiramente a sua actividade e a sua intelligencia ao serviço de Portugal.

Este rasgo de dedicacão patriótica redime-o das decomposturas que tem pregado nas coisas portuguezas.

Nas coisas e nas pessoas.

(*Diario Illustrado*, 1.º de setembro 1889.)



A TRAVÉZ DE PARIS

Synthonia electorale. — Um bacillo. — O caso do Dr. Knamm-Chatriau. — Um genero litterario. — O jorنالista para-que-nos-queriamo. — Os annos da somnambria. — Os theatros e a Exposição. — Mahomet e o embaixada turca.

A FEBRE electoral que se apoderou de Paris n'estes ultimos dias manifestou-se pelo apparecimento na epiderme da grande cidade, de uma quantidade fabulosa de nodos de cores vivissimas e de dimensões variaveis, que são o synthona habitual d'este genero de enfermidades.

Estas nodos não são apenas vermelhas como na esscarlatina, antes offerecem o mais variegado aspecto. Ha-as verdes, azues, amarellas, castanhas, roxas, de todos os tons e de todos os matizes, e o seu numero augmenta de dia para dia n'uma progressão que permite seguir a crescente intensidade do morbo. A doente entretanto conserva a sua natural alegria e não revelou ainda um vislumbre sequer de delirio. Parece até divergir-se immenso com a sua extravagante enfermidade e, segundo nos affirmam, manifesta a esperanca que oxali não seja infundada, de que um severo regimen hydrotherapico a desembaraçará dentro em breve da erupção polychroma que actualmente a afflige.

Segundo os homens de sciencia, e em virtude de mais uma applicação das theorias pastuerianas, a referida erupção tem por origem um microbio (sempre elle!), mas um microbio especial que na barbara nomenclatura pathologica responde (?) ao nome de bacillo-cartazeiro. Este micro-organismo affecta varias formas e feições, desde a virgula de Koch até ás mais vagas reticencias, e caracterisa-se sobretudo pela singular faculdade de segregar uma substancia viscosa muito similhante ao grude, a qual, depositada nas esquinas dos predios, determina, além d'uma viva comichão, o apparecimento das taes nodos multicores que dão hoje a esta cidade de ordinario tão correcta um aspecto carnavalesco e arlequina.

O bacillo cartazeiro opera a maior parte d'estas vezes em grupos compactos — ou colonias. Quando dois d'estes grupos se encontram, travase entre elles batalha renhida de que resulta um acrescimo de inflammacão. As nodos sobrepõem-se umas ás outras e o grude corre a jorro.

O referido bacillo possui um amor proprio profissional extremamente irritavel. Tudo o seu empenho é produzir o maior numero de manchas possivel e ao mesmo tempo annullar as que produz o seu rival da mesma especie. Nada respeita e nenhum local lhe é vedado para o exercicio da sua actividade. Hotéis, palacios, monumentos, obras d'arte, nada escapa á furia do hediondo animalço. O grupo da dança de Carpeaux, no peristilo da Opera, já maculado pelo tinteiro vingador d'um Prudhomme que a tentadora nudez das musas indignara, appareceu ha dias sarapintado de amarello e verde e a escorrer de colla. O bacillo passara por lá sujando-o com a sua baba hedionda.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — GRANDE GALERIA CENTRAL (GALERIA D'HONRA) DO PALACIO DO CAMPO DE MARTE.

So acoso, do meu lado,
alguem tocasse nos cabellos teus,
eu dar-t'ia o meu braço. Velho honrado,
e iria contra o sangue e contra os mous!...
Infamia sobre o braço parricida,
que mata um homem do repulchro á beira,
prestes quasi a ver pôr o sol da vida...
deixar seu agno, e a sombra da palmceira!

Vergonha sobre a fronte
de quem, de fúca ou de clavian, vag,
mirar, como á fera qua era a morte,
como a um lobo curval... a um velho puel
E tu tens sido pae de pequeninos,
transido, ao silvo da lufada, e á chuva...
Tens sido luz e sol de peregrinos,
bardo do triste, capa de viva.

Não se mata quem tanto
amou fracos e hercos, presou postas!
— Morre em paz, morre em paz, á velho santer
— Creanças ide, enchei-o de violens
Morre sorrindo, em paz, olhando os brillos
do sol nas palmas semelhante lanchas...
morre em paz, entre os braços de teus filhos,
morre em paz, a beijar lãda as creanças...

Morre em paz, bom amigo
dos poetas, hercos, a dos cantores!
Creaça a palma e a oliveira em teu jaxigo.
Por entre loureiras que plantem flores.
O portuguez, — o arrotendor constante
dos teus seridos, n'uma labuta insana,
e a quem dás, como a lãsoo caminhante,
o sai amigo e a tenda nu savana,

Aquella que o trabalho
crusta e bronxa n'as remotas plagas,
protesta que haja crime, embora falso,
que enrolle em sangas o seu suor em bagas.
E teu povo infantil, o luctico povo,
que esclama o sonha em regiões distantes,
n'esse mundo athletico inda novo,
qua semella paysagens de gigantes,

Ello, a quem a secreta
aza da alma empurra para a fénia...
verte-te ha morrer feliz, — como o poeta,
que quiz mais sol, para morrer ciente.
E tu, minha alma, onde o ideal cõntencia
da paz universal, que lenta vem...
maldiz o sangue em que escubia a Guerra,
chaquiza a gloria que d'ahi provem.

Como um balho que estoira
estripa o ventre d'essa duana Gloria.
Lavemos em barrilla duradoin
Noventa e trez, esse borrio da Historia.

E, agora, qua eu argui bem alto o braço
contra o sangue que enliva, que envida...
perdão, Senhor, para esse desvalrado,
a quem a dor crucia, e amarellece,

Tem vinte annos adment!...
E' o insano infeliz! Perdeu o tim!
Não é completo quem não é clemente.
— Perdão, Senhor, perdão para o assassino.
Talvez que o pae, a contorcer os braços,
varejado do raio que caiu,
obrio de dor, cambaleando os passos,
sinto correr as lagrimas em fio...

Quem não sabe, no rosto,
como esbrazoa a lagrima quo caa,
quando nos sangra a pua d'um desgosto...
— Perdão, Senhor, perdão para o assassino.
Talvez que, longe, a sua noiva amada
soluce e choro, á branca lamparina,
e a triste mãe, a triste mãe, varada,
se dobre, como á chuva a casualina...

Seu livido semblante
de certo os prantos e dobotam bem!...
— Perdão, Senhor, em nome d'essa amante.
— Perdão, Senhor, em nome d'essa mãe.

GOMES LEAL.



A REVISTA DAS REVISTAS

Uma estatua a Garrett.

UM bello artigo das *Novidades* do mez d'agosto findo (artigo que sentimos não ter agora á vista para dar d'elle alguns extractos aos nossos leitores) acerca da obra litteraria do visconde d'Almeida Garrett e da ingratidão da posteridade que ainda lhe não soube erigir uma estatua, — despertou ao Atheneu Commercial do Porto a patriótica ideia de abrir uma subscripção em Portugal e no Brazil, para se levantar uma estatua ao autor do *Frei Luiz de Sousa*. Applaudindo a iniciativa do Atheneu Commercial, escrevem as *Novidades* do 31 d'agosto findo:

O artigo que ha dias publicamos, pedindo que se levantasse no piaz uma estatua ao visconde de Almeida Garrett — que, depois de Camões, é o mais insigno poeta portuguez — encontrou um echo sympathico na cidade do Porto.

Não podia deixar de ser.

Foi ali que nasceu o immortel auctor do *Frei Luiz de Sousa*, e, para commemorar este facto, que é uma gloria para aquella heroica cidade, apenas existiu uma lapide na casa em que o poeta viveu, á rua do Galvãrio.

Para um homem da estatua de Garrett é pequenissima homenagem aquella lapide.

Almeida Garrett foi um soldado destimado, e combato e soffreu pela liberdade; foi um orador parlamontar, e a sua palavra ardente e brilhante defendeu sempre os grandes principios; foi um poeta, e cantou em versos primorosos o cantor dos *Luladas*; foi romancista; foi chronista; foi um dramaturgo insigno, e enriqueceu o theatro portuguez com as joias de inestimavel valor, que se chamam *Frei Luiz de Sousa*, o *Auto de Gil Vicente*, o *Alfageme de Santarém*.

Deverão ser o theatro onde a gloria do seu nome se conservasse mais viva e mais fugazmente, não succedendo infelizmente assim!

Os nossos accores, que representam na tragedia de Shakespeare, não se atrevem a representar os dramas de Garrett. Vem como as grandes tragédias estrangeiras interpretam os personagens do theatro inglés, e reproduzem os com mais ou menos felicidade; mas fillices e talentos para darem vulto e vida aos personagens do theatro nacional.

Assim, a fama do Almeida Garrett desapareceu de todo, e, como desaparece a fama dos grandes cantores, cuja gloria de todo se apaga no mesmo instante em que a voz de todo se lhes extingue!

A ILUSTRAÇÃO segue tambem o exemplo dos seus collegas de Lisboa, e abre as suas columnas uma subscripção para que se possa levantar no Porto uma estatua ao visconde d'Almeida Garrett.

Convida todos os seus assignantes e leitores a concorrerem para esta divida de gratidão a um dos espiritos mais notaveis do nosso seculo.

A Redacção da ILUSTRAÇÃO . . . 10000 reis

Por causa d'um cão.

Publicamos em seguida a curiosa carta que Ramalho Ortigão enviou ás *Novidades* de Lisboa acerca da sua prisão, e dos tormentos que passaram na capital alguns estrangeiros seus amigos que seguiram viagem a bordo do *Orenoque* para a America do sul:

Meu caro Alberto Braga — O incidente policial, que me diz respeito e a que haitem alludida um artigo das *Novidades*, não teria evidentemente importanciam alguma perante a attenção do publico, se o não revestissem algumas circumstancias de interesse geral, que peço licença para retrair, sem todavia me queixar. Descreverei, unicamente,

Eis aqui os factos:

Entre os passageiros do *Orenoque*, saído de Bordeaux para Buenos Ayres com escala na Europa, pelas portos da Corunha, de Vigo e de Lisboa, havia um grupo de amizade, constituido por tres senhoras de Paris, tres francezes, um brasileiro, um cão, e este seu crindo, qo

qual me refiro para a exactidão numerica, mas que ponho fora de conta para todos os demais effectos.

As senhoras eram das mais sympathicas, das mais espirituosas e das mais elegantes. Os homens eram os mais intelligentes, os mais instruidos, os mais abnegados companheiros. O cão, polengo, de largo pelo cinzento prateado, adornado de uma collinha de ouro, era um distincto e nobre typo da mais alta raza inglesa.

Sahimos juntos em todos os portos da escala, e fizemos uma viagem encantadora.

Em Vigo o lindo mercado antigo, ao ar livre, entre velhos edificios em arcada, de janelas semi-arabes, sobre dois terraços em socillo, trepava elegantemente n'uma jovialidade matinal, regorgitando de flores, de fructas e de legumes, minuciosamente salpicada pe' palpitacão viva dos lãncos, uacarnados e amarellos das hortelãs pollegas.

No Corunha, sob a umbrosa e extensa allameda, á beira das aguas da bahia calma e azul, um pittoresco e confortavel restaurant, aberto por todos os lados em gelozias verdes, circumdadas de roseiras em flor, servia-nos um almooço optimo, composto de ameijoas enormes, costellinas de anho e soveteas de lãma. Pouco depois a musica d'um regimento veio tocar para esboçar das velhas arvores. A allameda e o jardim contiguo, ao longo da agua, povoaram-se então de senhoras e de meninos, que vinham andar de velicidade ou montar os cavalinhos de pau d'um carruvel. Ao sol posto, na suavidade crepuscular, voltámos para bordo na bote esbojado de roseas chá e de cravos valenciancos. E, na bancada da ré, esticadamente sentados, elegidos hembro com hembro, olhãmos callados e saudosos a doce curva da bahia, a ria marulhosa e mansa, e a linda e modesta cidade branca, onde provavelmente nenhum de nós voltaria, e onde tolvia finhamos visto, obscuramente latejante, a mais intelligente comprehensão da vida civilizada.

Em Lisboa desembarcamos moenos passageiros do *Orenoque* do que em Vigo e na Corunha! Um secreto presentimento de mau agouro retive o viajante na presença da capital portugueza. Um dos nossos companheiros de bordo, que fez quatorze vezes a travessia do Oceano, tinha-nos dito de vespresa: « Não vão a Lisboa; n'essa terra succede invariavelmente a todo o estrangeiro uma coisa dolorosa, ou uma coisa ridicula! »

Mas os meus amaveis amigos, surdos a essa advertencia, insistiram em me acompanhar até á porta; e ás sete horas e meia da manhã desembarcãmos no Terreiro do Paço, pela porta da alfandega, os olhos de bando e o nosso respectiva cão, fagueiramente envolvidos no mais nauseante cheiro que jamais a canalhagem de Lisboa enviou ao primeiro encontro d'aquelles que a visitam!

Tomámos duas carruagens descobertas, e fizemo-nos transportar á praça da Figueira. Não tinhamos tempo que perder porque o *Orenoque* proseguia ás onze horas. Como estavam ainda fechados os grandes cambistas da rua dos Capellistas trocãmos alguns lãncos nas casas dos negociantes de cauteles da loteria, os quacs nos fizeram pagar dois francos de premio no troco de cada lãnc de ouro por prata portugueza!

Na praça da Figueira mandei metter n'um pequeno cabaz quince kilos de uvas para offerecer ás nossas amigas: a vendedora exigiu-me 400 reis por cada kilo, que lhe paguei, ou seja quatro vezes mais do que o preço corrente!

Da praça da Figueira viamos ao hotel Central, onde os cocheiros me exigiram oitocentos reis por carruagem com meia hora de serviço, ou seja mais do dobro da taxa! Paguei.

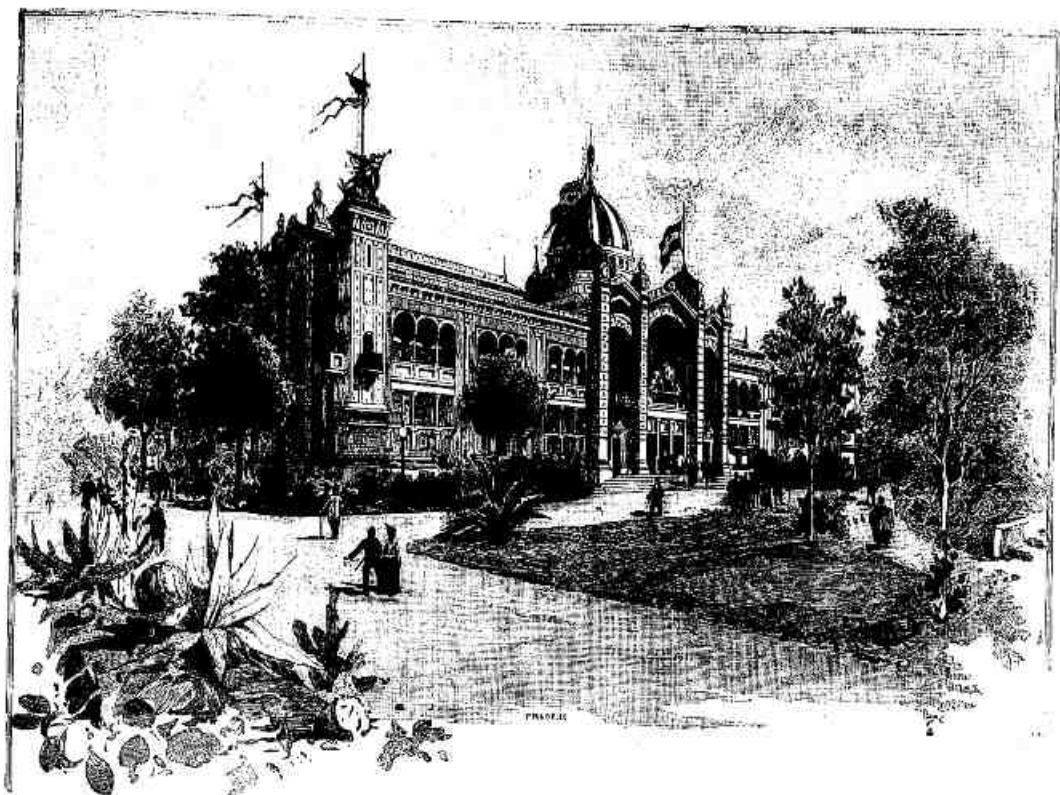
Em seguida, em quato nos preparavamos de almoçar no hotel Central, deliberãmos tomar o tramway para um pequeno passeio ao Aterro. Mas não pugar os bilhetes, o conductor, vendo que o meu amigo Combollas tem o seu cão sobre os joelhos, intima-nos a deixar fãra o cão, ou a sair. Terror geral de todos os mais companheiros que, sem entenderem o que se diz, presentem pelo olhar colérico do conductor e pela minha discussão com elle q' se trata d'um conflicto de que elles são objecto. O conductor, captado pelas minhas supplicas, chega enfim a um accordo, e consente que o cão prosiga, mais escondido das vistas do publico e das auctoridades. Uma das nossas amigas presta-nos para a trancoia de que se trata o seu *Mac-Farland*. Enrolhamos o animal, cingimol-o com duas correias e para completar o desfarce addicionãmos á trouxa uma bengala e um guarda-sol. O cão, proferindo evidentemente ao cheiro do Aterro que infesta a atmosphera, o cheiro da pelle de Espanha de que está perfumado o *Mac-Farland*, olha-nos agradecido por uma fincicia o adormece no seu escondido.

Não tendo a fortuna de poder fazer outro tanto, a poeira fofida da estrada não regada nem varrida, invadino-nos pelos olhos, pela bocca e pelo nariz. Uma das senhoras tem nauseas. Apresimãmos todos a regressãmos a pé com o cão á trêla.

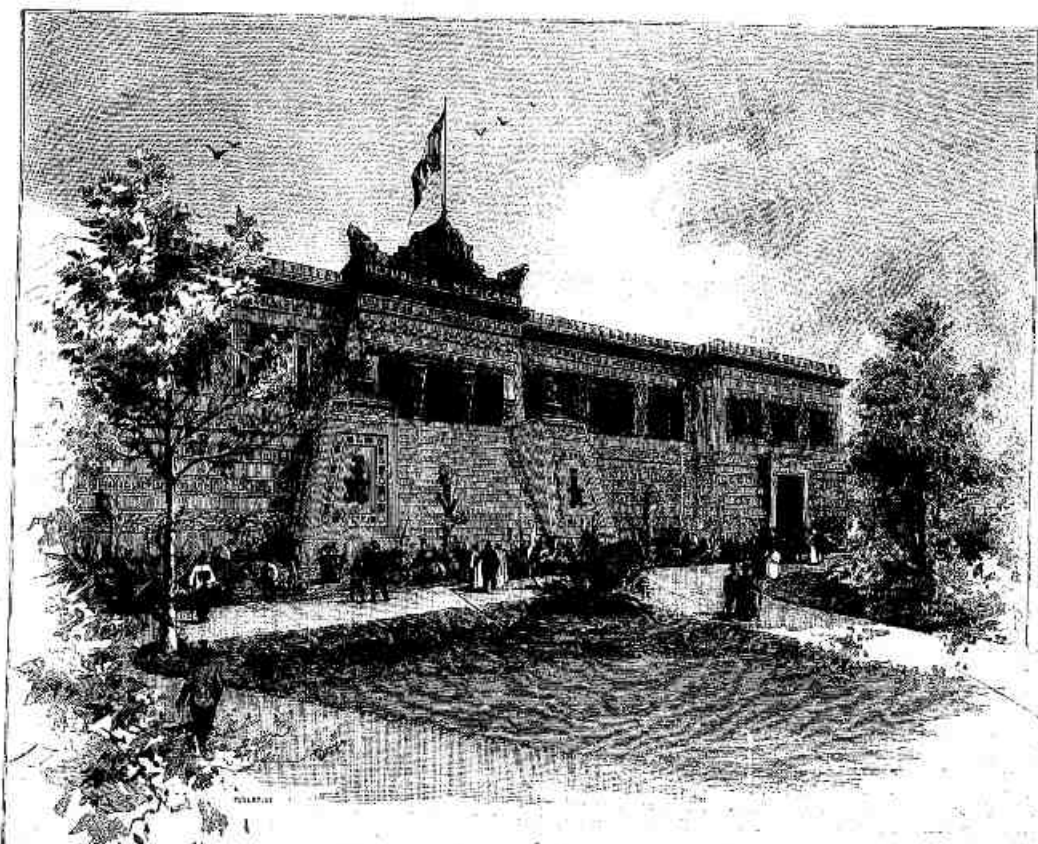
TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Adherente, Suavizante, Inalével
PREPARADO POR VIOLETT
28, Boulevard des Capucines, PARIS



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAGODE ANNAMITA, CHAMADO DA *Grande Tranquilidade*. — UMA CERIMONIA RELIGIOSA.



O PALACIO DA REPUBLICA ARGENTINA



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PALACIO DO MEXICO.

Atrevemos-nos o jardim em que está a estadia do Marquez de Sá, quando repentinamente nos surpreendem o latido afflicto do pobre cão que vimos estoccar-se no ar, de cabeça para baixo, suspenso da cauda por um homem que corre, em mangas de camisa. Combelle, que tem musculos magnificos, admiravelmente educados na guerra e na pratica das aulas de armas, arrebita a bengala d'um companheiro, e, livido, rangendo os dentes, abala dizendo:

Tu en auras pour les deux bras cassés, h... de chien!

Eu corro tambem, chogo primeiro, seguro o homem em mangas de camisa e intento-lhe entregar-nos immediatamente o cão que não sei como se soltou da trela, e que elle pretende arrojear para dentro d'uma carroça.

O homem em mangas de camisa declara-me então que é um funcionario publico, que é um agente da auctoridade, que tem ordens! — *Só amanha!* — disse elle, e que o cão lhe pode ser restituído depois de apresentar o recibo da multa e a fidejussão.

Imagina-se esta situação! O Ottonio vê partir em meia hora. Combelle não parte sem o cão. Só pela violencia se pôde resolver este problema. Tento os ultimos recursos penhascosos antes de empregar a força, e procuro avisar um carruagem para a foga. Combelle, perdido de cohera, supplica-me que o deixe rebenhar aquelle homem com dois murros e fugir a nado com o cão para bordo do paquete. Mas n'isto accodem correndo dois policias e eu sou preso com o meu amigo.

Appelemos então para um supremo esforço: pago a multa e a licença dentro de trinta minutos! Supplicamos a um viante que nos procure um carruagem de cavallos ligeiros que vem a encontrar-nos ao caminhar, e no entanto corremos a desfilada para a Abegoria, ladeados pelos dois policias que correm igualmente segurando o terpeço.

Os nossos amigos, que não tivemos tempo da prevenir, procuram adquirir-nos oecredos de nos serem empolgados pela policia; mas perdem-nos a pista no Atterro junto da Abegoria, em que nós entendimos pela porta do mar, saindo pela porta do lado opposto.

O empregado que encontramos — *deixa d'isso!* — não os mais diligentes, os mais sollicitos, os mais obsequiosos. Compreendem toda a enormidade do abarço de que somos victimas, e propoem-nos todas as acitidades compatíveis com a brutalidade das instituições. Uma carruagem veloz conduziu-nos da Abegoria a repartição das multas á camara municipal, e da camara municipal á ponte dos vapores, sendo acompanhados por um funcionario encarregado de levar o cão em deposito e de o depôr á bordo.

Abatichemo-nos, como prometti, meu caro amigo, de toda a especie de contentamentos.

Lo separarmos-nos na ponte dos vapores, os meus amigos, todos mais doentes, de sol, de mau cheiro, de fadiga e de mal, deram-me com o ultimo abraço *reudermos* onde eu quizesse: em França, no Rio de Janeiro em Buenos-Ayres, no Saguay, na Patagonia, em qualquer parte, menos em Lisboa, enquanto Lisboa, não deixar da ser, como é, um pestilento foco de infecção na atmosphera, de estupididade na administração e de rapinas nos costumes, tornando para espelhe de progresso a mais obscura das cidades gurgilicas, e procurando assim a civilização fôrni um logar ao nível do que é hoje, por exemplo, Rodondela.

Adous, Alberto Braga. Escrevo-lhe estas linhas em vez de lhe pessoalmente narrar-lhe o caso, porque estou em casa, em dicta, tomando pitulata anti-biliosas e bebendo thionanina sulfurea. E' assim todas as vezes que regresso á patria. Cuius tria: não tenho nunca o enjão, do mar, e tenho sempre o da minha terra!

Seu amigo

RAMALHO ORTIGÃO.

A surpresa que tinha causado a noticia da prisão de Ramalho Ortigão, seguiu-se a indignação de varios patriotas, que não querendo comprehender a justa irritação do illustre escriptor pela triste aventura, se permitiram o luxo de recortar facécias sobre a carta de Ramalho, chegando em d'elles ao extremo mau gosto de assignar a sua catilheira *Ramão Ortigalho*, enquanto outro se assignava *Um inimigo dos cães*.

Estas duas cartas appareceram nas columnas do *Dia*. E ellas não se se não recommendam porque são pobres d'espírito e pobres de argumentos, mas ainda menos se recommendam por que são anonymas. Porque nada ha de menos sympathico que as catilheiras ou as criticas anonymas.

O sr. Ramalho Ortigão escreveu o seu nome com todas as letras por debaixo do seu relatorio. Parece-nos da mais rudimentar polidez responder ao sr. Ramalho Ortigão com um nome verdadeiro. No caso contrario, ou o pseudonymo significa que não

ha confiança na resposta; ou que não se deseja tomar a responsabilidade do que se escreveu; ou que a pessoa sem a mascara do pseudonymo tem talvez a opinião contraria; ou que o auctor tem a certeza que o seu nome verdadeiro não é tomado a sério, e n'esse caso o pseudonymo deixa no espirito do leitor a duvida de que está diante d'um grande homem.

O inimigo dos cães diz ao sr. Ramalho que elle teria evitado as aventuras: — dizendo a Mr. de Combelle que deixasse o podengo a bordo ou que o não soltasse da trela! O que Mr. de Combelle não poderia estranhar, porque em Paris, se sair á rua com o cão desajalado, cae-lhe logo á perna a policia.

Por este erro se vê o valor da resposta e dos argumentos. Em Paris todos os cães andam á solta. E só não andam á solta em certos jardins fechados como no parque Monceau ou no jardim das Plantas. Nos outros grandes jardins como as Tulherias e o Luxembourg os cães andam á solta, assim como em todas as ruas e boulevards de Paris.

N'esta questão quem exprime o verdadeiro homsenso foi o *Diario de Noticias* que consagrou a este caso o seu artigo do fundo, do qual extractamos os seguintes perloffos:

Li aqui temza censurado mais de uma vez a maneira como se procede á punição dos cães vagantes. A medida é indistinctavel, mas o modo como ella se realisa é que nos parece reprehensivel, porque a maior parte dos cães é vexatorio. Não se tem em vista a segurança publica; o que se tem em vista, principalmente, é a multa. Parece que as apañha de preferencia o cão de estima para se apañar ao dono os dois mil réis.

Foi isto o que succedeu com Ramalho Ortigão e a esta circumstancia, vilmente interessaria, que não podemos deixar de verborar. A' grosseria do processo, a grosseria latransigencia do empregado encarregado de o executar, ha de haver de certo um regulamento para este serviço, e cuncta a crer que nella não se exarassom algumas instruções para casos speciaes, como aquelle a que nos referimos. E' deploravel semelhante esquecimento.

Veiu a policia em auxilio do homem da camara, e longe de resolver satisfatoriamente a pendencia não conseguiu senão aggravar-a. Que tempo se não fez perder e que sensaboras se não fizeram passar, tudo por causa da multa á ligitagem o dinheiro, mas ao menos evitassom o transtorno que causaram, e evitassom sobretudo o expectaculo repugnante, a que tiveram forcadamente de assistir alguns forasteiros que nos visitavam.

E isto o que mais nos indigna e magoa. Paracará para os nossos habitoes uma cousa insignificante, naturalissima talvez, mas coiza uma impressão do tedio e da tristeza. Vemos a inutilidade com que a França está recebendo todos os estrangeiros, e nem esse exemplo nos serve de lição! A insula do nosso povo é boa, mas a educação é má. Somos uma biosphera, e qualquer dia não saltará quem peca que se levante uma muralha da China, e que vivamos completamente separados da corrente da civilização e do convívio dos outros povos.

Paris explora o estrangeiro, mas não explora o de modo que ainda se lhe fica em agradecimento. Nós temos o preconceito de que essa exploração consiste em tirar d'ello logo a violentamente o maximo lucro possivel. Somos como o avarento, que mata a palhinha que lhe punha os ovos de ouro. E como se este preconceito não fosse bastante, vem a policia e aggravar-o com os seus processos indelicados, que obrigam os visitantes a fazer de nós o peor conceito e a passar a palavra aos outros, inscrevendo á entrada do nosso formosissimo porto a terrivel inscripção de Dante.

Ora nós não somos positivamente um paiz de selvagens, mas empregamos ás vezes esforços para o parecer. A carta de Ramalho Ortigão, escripta n'um momento de justificado saduma, exaggera por ventura a nossa falta de educação social e internacional, mas o que é triste, por mais descauto que fagamos, é que um escriptor portuguez tenha motivo para dizer que nem a enjão, ao mar e que só lhe causa enjão a polidez da sua terra.

Foi o *Diario de Noticias* que encontrou a verdadeira formula para classificar a questão. — *Nós não somos um paiz de selvagens, mas empregamos ás vezes esforços para o parecer.*

E tanto assim é, que tres dias depois do conflicto com Ramalho Ortigão, — o illustre professor José Julio Rodrigues se fôr forçado a esbofetear um conductor dos carros Ripport, para o abrigar a ser polido com os passageiros!

Efectivamente Lisboa ainda está longe de ser uma cidade civilizada.

Não são os moradores que o sentem, porque estão todos os dias fazendo concessões e encolhendo os hombros a certas arbitrariedades. São os estrangeiros e os provincianos, de cada vez que chegam á capital.

A policia, os cocheiros, os vendedores e os hoteis, são principalmente os terrores do estrangeiro que visita Lisboa. E' para aqui que se devia voltar a attenção do Governo Civil e da Camara municipal.

••

Julgavamos que a questão tivesse ficado por aqui, quando n'uma carta publicada no *Dia*, um outro anonymo vem de novo accusar o sr. Ramalho Ortigão de falta de patriotismo.

Escreve o anonymo explorando a nota patriotica para collocar em mau terreno o sr. Ramalho Ortigão:

Sr. redactor. — Os seus correspondentes só tem visto o lado laco da carta do sr. Ramalho Ortigão, mas a verdade é que essa carta tambem tem um lado serio, que não deve fazer rir ninguém. O espirituoso escriptor é muito lido e muito apreciado no Brasil, onde os seus paradosos são sentenças para muita gente e a sua excentricidade parece superioridade, e quanto elle escreve é lá editado e reeditado, saboreado e commentado, principalmente quando diz mal do seu paiz. Portanto, a extraordinaria epistola publicada nas *Novidades* ha de ter um eco formidavel na America. Não haverá papelucho brasileiro que não ropta que Lisboa, na opinião dos portuguezes mais illustres e esclarecidos, é um foco de infecção e um covil de rapinantes, onde os estrangeiros não podem pôr os pés sem perigo para a saúde, para a bolsa e para a liberdade, e estas columnas, passando da imprensa do Brazil para a de Buenos-Ayres e de Montevideo, circularão afinal por toda a America, cujos passageiros, de ida ou volta tanto convém attrahir ao nosso porto.

O sr. Ramalho poderá dizer que o unico modo de tornar Lisboa atrahente para os estrangeiros é censurar e atigmatizar o que os pode repelli, e que foi isso o que elle fez. Mas *quant mucha in rebus*. Querelasse do brutamontes que agarrou o cão de Combelle, e não de todo o serviço da policia canina, que effectivamente occasionalmente frequentes reclamações, mas não concluisse dos defeitos d'esse serviço ou da falta de criterio d'esse brutamontes, que a capital portugueza é uma terra de selvagens.

Desculpe-me este desafio, sr. redactor. Considero muito o talento e o caracter independencia do sr. Ramalho, mas tenho a intuição de ser amigo do meu paiz, — apear de ter visto muitas outras palhas, — e quereria que os espiritos superiores que elle ainda produz se empenhassem em melhoral-o, em vez de fazerem gala de o depreciar. Li estive no Brazil, e percebo que estou vendo a carta do sr. Ramalho andar de mão em mão, servindo de pretexto á incessante troça que os brasileiros lhe fazem das coiza portuguezas para magoarem os nossos patriotas. E como elles se magoam, coitados, e se offendem no seu tanto amor patrio!

A esta carta que trazia no fecho tres inicias: — J. F. L. — respondeu do seguinte modo o sr. Ramalho Ortigão, em forma de carta ao sr. Antonio Ennes, redactor do *Dia*:

Ex.º sr. redactor do *Dia*. — Tendo o jornal *As Novidades* publicado no seu numero do rabado passado que n'esse dia eu fôr visto capturado por dois policias em uma rua de Lisboa, tomei a liberdade de me dirigir, por meio d'uma carta, áquelle jornal, historizando o acontecimento que elle noticiara, e consignando os factos seguintes:

- 1.º Que a cidade de Lisboa não cheira bem;
- 2.º Que a falta de policia nos mercados e nas estações dos carruagens dá em resultado a impunidade na expoliação do publico pelos cocheiros e pelos regateiros;
- 3.º Que o modo como se está fazendo a policia dos cães é o mais estupidamente iniquo, vexatorio e absurdo;
- 4.º e ultimo — Que os habitos de antiga e viciosa administração local, influido directamente nos costumes publicos, determinam em Lisboa uma hostilidade ao estrangeiro e uma impolidez para com o hospede, caracteristica de selvagens, e incompativel com o espirito da internacionalidade, que é hoje em toda a parte a feição predominante das civilizações modernas.

1. *Journal of the American Medical Association*, 1997; 278: 1019-1024.

Se, redator, quando me os únicos títulos que podem avoitar na estufa dos meus semelhantes, a minha obra tão modesta e tão imperfeita, e seu correpondente ou não me leu, ou gratuitamente me colunina nos sentimentos, de que mais me ensoberbeço, e nos

Hamamio Ojitrilo.

SABÃO REAL **VELOUTÉ** **SABÃO**
DE THIRIDACE **VELOUTÉ**
Recomendado para banheirões públicos, piscinas, hotéis, clubes, etc. e limpeza de pisos e paredes de banheiros.

[illegible]

Agente geral: A. Seguin, Dordaneux.
 Preço de venda em França, Elixir:
 1, 4, 8, 12 e 20 francos,
 Preço de venda em França, Pó:
 25, 5 e 3 francos,
 Preço de venda em França, Pasta:
 25 e 2 francos.
 Encontrar-se em todos os perfumaria,
 ma, caballeiros, Pharmaceuticos,
 drogarias e retrozeiros.

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros
de França e do Estrangeiro

A **VELOUTINE** **Fe d'Aeros**
especial
PREPARADO COM DISMUTHO
Per **CH^{tes} FAY**, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

[illegible]

CALLIFLORE

El Pilar de Bellota
POU ADHESIVOS e INVISÍVEIS

Queja ou não, todo mundo quer e empregar rates de colagem para fazer uma manutenção e de deixar as folhas e dar-lhes um pouco de elasticidade, e a Bellota Alami dá isso, do melhor preço, em outros de quatro metros, diferentes, brancos e brancos, desde a mais pequena até a mais colada. Poderá pôr cada pequena resina e a que quiser, há disponíveis em todas.

PATE AGNEL

Amygdalinus e Glycorina

Este excelente Cominho transmite amêijoas a pastas, preservas do Gaseiro, Irritantes e Cominhoes tornando-se avedutadas; pois que resista as mãos: dá solidez e transparência às unhas.

AGNEL, Fabricante de Perfumes, em PARIS

PABRICA e EXPEDIENTES : 10, AVENUE DE L'OPERA

E mais para São Paulo de vendas por mail no meu endereço: 10, rue de la Paix, 6.

Expediente: Mr. V. un. **Expediente** José de Gama e Fr. com N.º 10, rue de la Paix, 6.

OLEO DE HOGG
de FÍGADO PRESCO de BACALHAO
NATURAL e MEDICINAL

Racolto desde 40 ANNIOS, em:
Pezzen, Izglakotter, Hespeulho, Portu-
gal, Beaul, Espadilha, Hespaulho,
Amoreira, polca primarias me-
dicinas de macedo, contra as Ma-
lísticas do Peito, Resaca, Cirrugas,
frenesmas, Tumores, Irrumções
do Peito, Pesados fracos, Flores-
brancas, etc. O Olio de Bacalhão
de HOGG é o mais rico em prin-
cípios activos.

Vende-se somente em frascos TRIANGULARES,
de vidro ambar e Etiquetado e Sello metal
do Estado Francês.

Unico Proprietario: HOGG, 3, rue Castiglione, PARIS
E EM TODAS AS PHARMACIAS

EXPOSIÇÃO 5^a UNIV^{al} 1878

Medaille d'Or  Croix-Chevalier

Auton Chevalier

LES PLUS HAUTES RECONNAISSANCES

Nova Creação

PRIMAVERA

PRIMAVERA

E. COUDRAY

Inventor da

PRIMAVERA ESPECIAL DO LACTEÍNO

Tão agradável ao alto mundo.

Sabonete	PRIMAVERA
Óleo	PRIMAVERA
Água do Toucador	PRIMAVERA
Essência	PRIMAVERA
Pó do Arroz	PRIMAVERA

FABRIL DE DEPOSITO I

PARIS 13, Rue d'Engleterre, 13 PARIS

Adm^o - A venda em todas as principais Pharmacias

[illegible]

BELEZA DO ROSTO

— LANT ANTICHEMICO —

O LEITE ANTEPHELICO

puro ou misturado com agua, dissolve

SARDAS, TIZ, CRESTADA

PONTAS-NEGRAS, BORRULHAS

ROSTO BARBULHENTO

E PARANECAS

RUJAS

Lavar e conservar a pele liza e clara

GRANDES & C.

R. do Ouvidor, 108

VINHO DE MILLET
Chalybé Balsâmico
Tônico superior d'uma efficacia certa
na Anemia, Clorose, Prostração,
Impotência, Fevres, Bronchite chronica,
Doenças mentaes e nervosas.
PREÇO 3 FRANCOs. o FRASCO
Remessa para o estrangeiro 2 fr. por 7 fr.
DEPOSITO:
44, Rue des Francs-Boulogois, Paris

ASTHMA E CATARRO
CIGARROS ESPIC
 Garados em Frango
 Com os CIGARROS ESPIC
 Opreadores, Tonsos, Camellapianos, Nervosidios
 Furtidos, Casosidios de Periquitos e de Frangos. - PARIS, Vinga por voad,
 35890, Ave St. Lazzar, No. Enjoir para desastados

VERTUS
ESPARTILHOS
PARIS 12, Rue Aubert

BISMUTHO IRRIGADO ALBUMINOSO BOILE contra **GRAOS** de **BROMHYDRATO de QUININA BOILE** contra **FERRO QUEVENNE** contra **ANEMIA, POBREZA de Sangue, Fluxo Branco, perdas de Sangue da UTERO das FAMILIAS** **50 ANOS de SUCESSO**

COMPRIMENTO DOS CABOS SUB-MARINHOS.

O comprimento total dos cabos sub-marinhos empregados actualmente é de 113.031 milhas marítimas (209.332 kilometros).

A exploração está quasi toda nas mãos de diversas sociedades, porque somente 10.500 milhas são propriedade de diferentes Estados, entre os quaes a França occupa o primeiro lugar com 31.191 milhas de cabos sub-marinhos.

A ESTATUA DE PALYN

Foi inaugurada em Courtrai uma estatua de Palyn, o celebre anatomista do século XVIII, que viveu de 1630 a 1730, e foi professor em Gand.

A estatua representa-o tendo a mão de ferro que elle inventou e que foi a primeira forma do forceps moderno.

UMA NOVA TORRE EIFFEL

Diz o *Eastern Morning News* que sir Edward Watkin acaba de constituir, com um capital de 900 contos de réis, uma sociedade que tem por fim construir em Inglaterra uma torre de 2.000 pés d'altura, — ou sejam 600 metros!

A CRIMINALIDADE NA ALLEMANHA

O balanço estatístico da criminalidade na Allemanha, durante o anno de 1887, acaba de confirmar novamente um facto que havia sido posto em evidencia pelas estatísticas precedentes.

Ha muitos annos que o caracter da criminalidade se modificou radicalmente: enquanto que os crimes e os delictos contra a propriedade offereciam uma diminuição sensivel e gradual, os attentados contra a vida continuavam aumentando.

A *Semaine medical* faz observar que o primeiro caso parece resultar do melhoramento das condições sociaes das classes pobres, enquanto que o segundo está sob a dependencia da extenção crescente do alcoolismo.

De facto, os attentados contra as pessoas são sobretudo frequentes nos districtos da Baviera e da velha Prussia, onde precisamente o alcoolismo se acha mais espalhado.

DIARIO ILUSTRADO

18.º ANNO
LISBOA
N.º 10.000
1900

AGUA DOURO
Varejão, fabrica de corantes para tintureiros e artistas.
Expositão de 1889, medalha de ouro.
Expositão de 1893, medalha de ouro.
Expositão de 1897, medalha de ouro.
Expositão de 1900, medalha de ouro.
Rua do Ouro 100, 1.º E.
Tel. 1000

ALVARADO ALVES
Fotographo e artista.
Rua do Ouro 100, 1.º E.
Tel. 1000

ALBERTO LACERDA
Fotographo e artista.
Rua do Ouro 100, 1.º E.
Tel. 1000

ALBERTO LACERDA
Fotographo e artista.
Rua do Ouro 100, 1.º E.
Tel. 1000



RETRATO DE MARIANO PINA

REDUÇÃO PHOTOGRAPHICA D'UM NÚMERO DO DIÁRIO ILUSTRADO, DE LISBOA, COM O RETRATO DE MARIANO PINA.

LAMPADAS ELECTRICAS

Acabam de ser collocadas nas carruagens do *South Eastern Railway* ingles, umas lampadas electricas muito engenhosas, dispostas por cima das cabeceiras dos viajantes.

Estas lampadas só funcionam depois de se ter introduzido uma moeda de vintem n'uma abertura preparada para este fim, e por um vintem tom-se meia hora de iluminação.

Pode-se fazer durar a luz toda a noite mettendo peças de vintem a cada meia hora. Um botão especial permite apagar-a a cada momento.

Se o aparelho por qualquer motivo não funciona, a moeda não entra. E tambem deita fóra qualquer moeda que não seja do tamanho e do peso d'um vintem.

E' um accumulador que fornece a electricidade.

O CHOLERA

O cholera grava n'este momento com grande intensidade em Pekim. A excepção dos empregados da alfandega e d'alguns outros funcionarios, todos os estrangeiros tiveram de fugir para as montanhas.

A LONGEVIDADE DAS TARTARUGAS

As tartarugas gozam da fama de viverem muito, e o facto seguinte, confirmado pelo *Morning News* de Savannah (Estados-Unidos) confirma esta hypothese.

Ha muitos annos vivia em Rondout (Estado de Nova-York) um individuo chamado Whittaker, que tinha innocente mania de pegar em tartarugas e de gravar o seu nome sobre a casca do animal.

Um lavrador d'esta localidade acaba de encontrar uma tartaruga quasi paralytica que se arrastava a custo. Aproximou-se e pde decifrar a inscripção seguinte gravada sobre a casca: W. D. Whittaker, 1.º agosto 1771.

Esta tartaruga contava pois para cima de cento e dezanove annos d'idade.

Interessante Descoberta Parisiense
DA PARFUMERIE-ORIZA
de L. LEGRAND, 207, Rue St-Marc, PARIS

PERFUMES-ORIZA SOLIFICADOS
12 PERFUMES
DECORATIVOS
Só de forma de Lapis
e Pastilhas

Esta esmaltagem leve e os objectos para
p. ornamental e instantaneamente.

LISTA DOS PERFUMES CONCRETOS:
VIOLETTE DU CAIR, Jockey-Club, Bouquet
JASMIN D'ESPAGNE, DIVONNA, in.
HELIOTROPE BLANC, CAROLINE, in.
LILAS DE MAI, MONARDISE, in.
POIN COUPÉ, IMPERATRICE, in.
ORIZA LYS, ORIZA-DERBY, in.
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

A venda em Portugal em todas as lojas de Parfums e de Cosméticos

T. JONES
23, Boul. des Capucines, 23
PARIS
Fabricante
de Parfums Ingleses
EXTRA-FINA

Extratos compostos
IMPERIAL RUSSO
ESS. ORUQUET
VICTORIA
CAPRICE
CHYPRE
FUQUE
PARADIS
N.º 1000
eto.

Fluido Iatiff
Produce o mesmo effecto para a pele
e preserva a pele qualquer irritação.

La Juvenille
P. sem nenhuma substancia chimica para os
cuidados de rosto adherente e invictivel.

Lily Wash
Para embelezar a pele e branquear o Pescoço e Hombrão

Iatiff Cream
Conserva-se perfectamente sobre todos os climas.
Superior a todos os Cold-Cream e onctuosos.

Agua de Toilette Jones
Tonica e Refrigerante.

Elizir e Pasta Samohti
Dentifricio, antiseptico, brancifica os dentes, impede a carie e o tartaro.

Extratos compostos
SEMPLE N.º W
NEW MEWS N.º V
GTEPH-N.º 1018
O'GURAK
VIOLETS
AIDA
N.º ROSE
JEROME
eto.

A PASTA EPILATORIA DUSSE

Despoe facilmente as pernas, braços, axillaes, etc., com a pasta de Dusser, sem nenhum inconveniente para a pelle, pois desliza. Não se usa com a pasta de Dusser, sem nenhum inconveniente para a pelle, pois desliza. Não se usa com a pasta de Dusser, sem nenhum inconveniente para a pelle, pois desliza.

Le Gérant: P. MOUILLON.

PARIS. — IMPRIMERIE P. MOUILLON, 13, QUAI VOLTAIRE.